

Em janeiro, a retomada da economia

02 FEV 1982

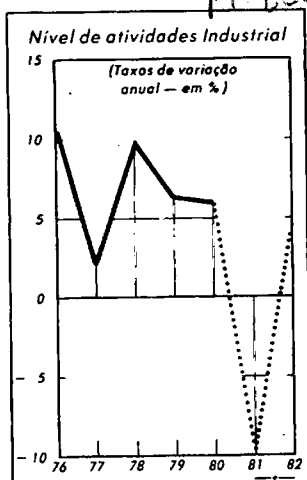
GAZETA MERCANTIL

por José Casado
de São Paulo

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) recebeu da maioria dos seus 109 sindicatos filiados, na semana passada, um volume de informações que considera suficiente para sustentar uma projeção de crescimento no nível global de atividades do setor de transformação, que, inclusive, começou em janeiro.

Os indícios desse processo de reativação dos negócios foram detectados em diferentes segmentos da indústria, ao longo dos últimos trinta dias. "Ainda não temos os números consolidados de janeiro, mas, se mantidas as atuais condições de mercado, o setor industrial fechará 1982 com um crescimento de 3 a 4%", comenta Cláudio Bardella, vice-presidente e diretor do Departamento de Economia da FIESP, que ontem apresentou essa projeção em reunião com sessenta diretores.

"Está acesa a luz verde do crescimento para alguns setores", nota Bardella, acrescentando: "Pelas informações de que dispomos, no mês de janeiro cresceram substancialmente as



Fonte: Fiesp e Centro de Informações da Gazeta Mercantil.
* Projeção de Fiesp

vendas de bens de consumo de baixo valor unitário, ou seja, artigos de prateleira de supermercados".

O movimento comercial do mês de janeiro ainda não foi dimensionado pelas entidades de classe, mas, ontem, a Associação Comercial de São Paulo já dispunha de um indicador que, geralmente, é reconhecido como confiável: aumentaram em 18,7% as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) nos primeiros 27 dias do mês, em comparação com igual período do ano passado.

"Isso vem confirmar uma tendência, esboçada a partir de outubro, de uma retomada dos negócios do comércio", observa Marcel Solimeo, superintendente técnico da Associação, que complementa: "Para nós, o volume de consultas ao SPC indica o ritmo do comércio, e, até outubro passado, a variação era negativa. O resultado de janeiro confirma uma tendência positiva e, mantido o ritmo atual, teremos uma recuperação nas vendas neste ano. Não deve ser um ano brilhante, como foi 1980, mas, sem dúvida, será melhor que o passado".

Há segmentos do ramo de bens de consumo em que se verificou, nos últimos trinta dias, uma total reversão de expectativas. É o caso, por exemplo, do setor de calçados, cujos empresários começaram o ano "pessimistas" e fecharam janeiro "acreditando que, no mínimo, 1982 será melhor que 1981", como disse a este jornal Sebastião Borbulhan,

um lado, as altas taxas de juros (nos financiamentos ao consumidor) e, de outro, o aumento da contribuição previdenciária dos assalariados de renda mais alta".

Por enquanto, "não se nota nenhum sinal de recuperação" na indústria eletroeletrônica, comentou ontem Sérgio Roberto Ugolini, vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), em conversa com o editor Walter Marques ontem, em Brasília. Situação semelhante observa-se na indústria automobilística, segundo relata o repórter S. Stefani, de São Paulo. Mas, nesses dois segmentos da indústria de bens duráveis, a perspectiva é de substancial aumento nas vendas a partir de junho. No setor automobilístico, por exemplo, as previsões das montadoras variam entre 5 e 15% de crescimento.

"Lentamente, atrás desses setores, virão as indústrias de bens intermediários e de bens de capital", prevê Cláudio Bardella, no que é confirmado por Nildo Masini, representante do setor de trelição de aços. Ontem à noite Bardella levou para a reunião da FIESP uma notícia que considerou "auspiciosa": a Valmet, fabricante de tratores, retomou sua produção, depois de meses quase paralisada. "E ela está prevendo para fevereiro o recomeço das atividades a plena carga", disse ele.

delegado do setor junto à FIESP. E, note-se, a indústria de calçados foi uma das poucas que fecharam 1981 com um balanço positivo em produção e vendas (crescimento médio de 2,8%).

Na área de bens de consumo duráveis a expectativa geral é de um crescimento em vendas apenas no segundo semestre. Antes disso é improvável, como observa recente estudo do Departamento de Economia da FIESP, porque há o peso de duas condicionantes: "De